

Exemplaridade conjuntural da obra de Vitorino Nemésio¹

José Enes

Resumo. Este trabalho evoca momentos da vida de Vitorino Nemésio partilhados com o signatário do ensaio quando este iniciava a sua carreira de Reitor da Universidade dos Açores. Seguem-se-lhe recordações da morte do autor de *Mau Tempo no Canal* e a divulgação da notícia na imprensa açoriana. Estas evocações, entremeadas de incursões na obra nemesiana, servem de preâmbulo ao ensaio “Exemplaridade Conjuntural da Obra de Vitorino Nemésio,” o qual foi apresentado como conferência na Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, aquando da comemoração do décimo aniversário da morte de Vitorino Nemésio ocorrida em 1978. A conferência/ensaio, editada aqui pela primeira vez, constitui uma reflexão crítico-analítica sobre a obra de Vitorino Nemésio, com especial incidência sobre duas das suas obras-primas: o romance *Mau Tempo no Canal* e o livro de poemas *Limite de Idade*.

Logo nos primeiros dias da actividade lectiva da Universidade dos Açores, ocorreu-me a feliz oportunidade de solicitar a Vitorino Nemésio uma lição sobre a própria Universidade, os objectivos a atingir, a respectiva estruturação a dar-lhe, os padrões académicos a cultivar, em ordem a criar-lhe a personalidade institucional de uma universidade nos Açores, para os Açorianos e para todos quantos, portugueses e de todas as nacionalidades, se sentirem por ela atraídos. Andávamos pelo mês de Fevereiro ou Março de 1976 e a 9 de Janeiro havia sido criado por decreto o Instituto Universitário dos Açores. Por

esse tempo Vitorino Nemésio ressentia-se da saúde já periclitante e de quando em quando procurava nos Açores o amparo da amizade e do conforto. Nesses começos improvisados, sob a pressão da conjuntura favorável, para garantir o imediato começo da vida universitária, tanto a reitoria como a leccionação foram instaladas no solar do Visconde de Porto Formoso, o qual com todo o seu reduto fora cedido pela Junta Regional dos Açores para estabelecimento da Reitoria e dos cursos, laboratórios e serviços que constituiriam o Pólo Universitário de Ponta Delgada. A casa apalaçada, que tinha digno espaço de habitação e nobreza de frontispício, foi suficiente para uma decorosa e funcional instalação da Reitoria, mas para as actividades lectivas era exígua e em condições impróprias. Para funções de aula magna recorria-se à cave com piso térreo e pouco iluminada por janelas subjacentes ao primeiro andar. E foi aí que Vitorino Nemésio, sentado numa cadeira de vimes empalhada, com o jeito e o estilo das célebres palestras televisivas com que extasiara as numerosíssimas audiências de todas as classes sociais, nos deu uma lição de como pensava a recém-nascida Universidade dos Açores. Havíamos recorrido ao Centro de Apoio Tecnológico à Educação (CATE), para fazer a filmagem da lição, com o propósito de transmissões posteriores e de a conservar para sempre. Infelizmente as deficiências técnicas da filmagem goraram os nossos desejos. Foram palavras de aprovação, encorajamento e esperança que aos meus ouvidos soaram como a bênção do seu génio profético. À medida que o estado doentio se agravava, acorriam mais admiradores e estudiosos a confortá-lo e a desejar-lhe melhoras; alguns pretendiam a sua autorização e apoio para estudos e ensaios sobre a sua obra e biografia, como foi o caso de José Martins Garcia que, após uma longa convivência de relativa intimidade de aluno universitário e de açoriano, lhe solicitou autorização para escrever o livro que intitulou *Vitorino Nemésio— a obra e o homem*, um dos mais úteis para o conhecimento aprofundado do que o título propõe. Na introdução que denominou “Uma visão pessoal,” narra como fez tal pedido, nos seguintes termos:

Em Dezembro de 1977, eu—que não fui tão assíduo como devia nas minhas visitas a Nemésio, *mea culpa!*—telefonei-lhe pedindo autorização para escrever o presente livro. Do outro lado do fio, a sua voz denotou certa excitação: —Essas obras às vezes entram em bisbilhotices ... —Mas quem vai escrever o livro sou eu—respondi. Não haverá bisbilhotices. Tem a minha palavra. Sendo assim, está bem ... Marcámos encontro. Não houve tempo. Vitorino Nemésio foi internado

no hospital da C.U.F. Vai morrer, pensei quando me deram a notícia. E senti-me angustiado. Não porque a morte me aflija muito. Nem sequer pelo facto de estar em véspera de morrer um grande Homem. Fiquei angustiado apenas por ter pensado numa coincidência: este livro começava no momento em que Vitorino Nemésio se preparava para a morte. A cada qual a sua culpa! (22)

José Martins Garcia, na sua condição de açoriano e no seu estatuto de universitário, com alguma frequência foi companheiro de Vitorino Nemésio nas viagens marítimas que ambos faziam entre Lisboa e os Açores, ele nos primeiros anos como estudante na Faculdade de Letras de Lisboa e mais tarde também como docente, Leitor de Português na Faculdade de Letras da Universidade Católica de Paris (1969-1971), tendo ingressado como Assistente na Faculdade de Letras de Lisboa pouco antes da jubilação de Nemésio, e assim, como escreveu, “no dia 9 de Dezembro de 1971 pude assistir à sua ‘Última Lição’” (21). A intimidade desta convivência amiga levou Martins Garcia a preocupar-se por conhecer com objectividade realista e com angustiada ansiedade o doloroso trajecto final que da jubilação e da última lição a 9 de Dezembro de 1971 levaria Vitorino Nemésio à morte que adveio no Hospital da C.U.F. a 20 de Fevereiro de 1978. E, já na parte biográfica do seu livro sobre Nemésio e a sua obra, Martins Garcia dá relevo ao notório abalo psicológico provocado pela jubilação que paralisava todas as actividades de docência e as que dela derivavam. “Mas Nemésio reage, quer ‘regressar’ a uma actividade que o apaixonou, apesar das agruras, na juventude: o jornalismo” (44). Todavia, a 20 de Junho de 1974 Vitorino Nemésio, escrevendo o prefácio do livro *Jornal do Observador*, explica:

Mais um punhado de crónicas—notas de viagem, artigos, pequenos ensaios—que reúno, já agora sob o expresso título de Jornal. *Jornal do Observador*. Do “Observador,” porque por tal e por mais se não tem o autor delas. E ainda porque estas crónicas foram integralmente insertas no magazine que com esse título se publicou semanalmente em Lisboa, desde 19 de Fevereiro 1971 a 22 de Fevereiro de 1974.... Em advertências prévias a vários livros meus da mesma índole expliquei que, compostos de artigos de colaboração dispersos em periódicos e na Rádio, muitos deles extraídos dos meus cadernos de viagem e do meu “diário” intermitente, considerava as respectivas recolhas como membros de um vasto Jornal, no duplo, ambíguo sentido de periódico e de canhenho de bolso. O volume de *Corsário das Ilhas*—que também poderia passar por os cadernos do

romancista de *Mau Tempo no Canal*—tem mesmo, na folha do rosto, em vez da simples menção do autor, a de Jornal de V. N., que conviria à maior parte da minha produção livresca. (Nemésio, *Jornal* 7)

Neste auto-juízo, Nemésio informa que o género jornalístico não foi somente uma opção da sua juventude mas sobreviveu em toda a sua obra escrita servindo-a e inspirando-a através da observação sagaz e compreensiva, e registo escrito não só do acontecer diário da sociedade humana mas também da sua própria participação nele. Martins Garcia quis realçar as razões e as causas que levaram Vitorino Nemésio, na sua velhice adoentada, a envolver-se nas lides e trabalhos do jornalismo. No mesmo prefácio Vitorino revela uma das motivações que o levaram a tal envolvimento:

Quem tenha, como o autor, o sentimento de viver o fim ou o declínio de uma cultura escrita que assentava no pressuposto “criador” da personalidade e, portanto, no apreço e respeito dela, só com melancolia pode assistir à largada destas folhas de papel a caminho da deterioração, e finalmente da entropia ... É certo que vejo também como que um alvor no horizonte, propício a corais e coreias, tempo de massa e impacto, cultura “aberta,” audiovisual, que em escrita talvez não ultrapasse muito os esgrafitos de slogans nas cantarias dos palácios e nos plintos dos monumentos aos ídolos tolerados ou a arriar. Alguma experiência de algo parecido me tem dado a TV—e, nela, que formidável revelação endopática do “outro” como projecção de nós mesmos! (Nemésio, *Jornal* 8)

Nemésio sentia que ele mesmo com a sua obra escrita estava a viver o fim ou pelo menos o declínio da cultura escrita inventada, desenvolvida e mantida pela criatividade da personalidade humana, a qual, uma vez alcançada a revolução electrónica, dedicou empenhadamente à invenção e ao uso da rádio, do radar, do computador, da televisão e de outros instrumentos electrónicos para a elaboração dos sistemas de investigação, de descoberta, de registo, de comunicação e de informação, substituindo com vantagem a escrita manual em papel, mas não deixando por isso mesmo de ser também uma escrita enquanto instrumento e expressão do pensamento humano. E é isto que ele também via como que “um alvor no horizonte, propício a corais e coreias, tempo de massa e impacto, cultura ‘aberta’, audiovisual.” E logo se lembra da experiência que a TV lhe tinha dado: “a formidável revelação endopática do outro como projecção de nós mesmos!” Na verdade é uma

exclamação em que ressoa o timbre electrónico da nova era da informação.

Vitorino Nemésio assinou o prefácio do *Jornal do Observador* a 20 de Junho de 1974; ora, foi neste ano, alguns meses antes, que ocorreram alguns acontecimentos que motivaram a citada afirmação de Martins Garcia a respeito do regresso de Nemésio à prática do jornalismo. O primeiro a ser mencionado por Martins Garcia foi que “Nemésio esteve à beira de assumir a direcção de *O Século*... mas o caso complicou-se e o nome de Nemésio não chegou a figurar no cabeçalho desse jornal” (44). No contexto da narrativa de Martins Garcia, esta complicação impeditiva de Nemésio assumir a direcção de um jornal parece estar ligada aos acontecimentos políticos que naquele ano emergiram em Portugal, pois que de seguida aduz:

E chega o dia 24 de Abril de 1974. Nemésio, reformado, ainda palestrava na televisão. Mas a “liberdade” de Abril sumiu-se em 1975. A Nemésio já não consentem que palestre na televisão. É no meio da barafunda político-ideológica que o escritor assume a direcção de *O Dia* em 11 de Dezembro de 1975. Não chegou a permanecer um ano nesse posto. Com efeito, demite-se em 25 de Outubro de 1976, devido a pressões de ordem política que continuam por esclarecer. Reinicia então uma fase de intensa colaboração em jornais de Lisboa e Porto. Todos os seus amigos íntimos reconhecem um facto: Nemésio vive com dificuldades económicas. Precisa de escrever para continuar o fadário de sempre: ganhar a vida. Como se o círculo se fechasse! Como se o jovem repórter de *A Pátria*, o tal que viveu a pão e água, tivesse de agarrar na pena, aos setenta e cinco anos, para receber os magros tostões de um artiguelho!... Há nesta última faceta qualquer coisa de trágico. Dir-se-ia que o biógrafo de Bocage e de Gomes Leal (e da miséria dos exilados do Liberalismo) estava condenado a sentir, nos seus derradeiros dias, a afronta dessa Lisboa que nada respeita e a ninguém reconhece ... —Coriolano pôde ao menos dizer: “Ingrata pátria, não terás meus ossos!” Nemésio, nem isso! A pátria, a madrastra, ficou-lhe com os ossos, com os ossos dum Homem que sempre buscou a sua “ilha perdida”...

Martins Garcia, como que a confirmar as suas amargas narrativas e veementes censuras, recorre ao testemunho de António Valdemar, também açoriano, amigo e companheiro de Vitorino Nemésio nas suas lides jornalísticas e também hábil e documentado intérprete da sua obra literária. No *Diário de Notícias* de 30 de Março de 1978, no 2º Caderno—Cultura, todo ele dedicado à homenagem a Vitorino Nemésio que falecera havia um mês e uma semana,

António Valdemar publica um impressionante artigo com os seguintes título e subtítulo:

O homem cercado—Vitorino Nemésio: um escritor com 60 anos de literatura e muito poucos inéditos (porque escrevia para viver) mas com inúmeros textos dispersos donde emergem fantasmas íntimos e expressões de cultura que reflectem uma ilha e o que dela se transporta para a vida e para o mundo.

António Valdemar exordia o artigo respondendo aos curiosos e apressurados literatos que indagavam por um baú repleto de inéditos tal como acontecera com Fernando Pessoa:

Nada disso. A maior parte da sua obra é o que temos nas estantes, ou o que está disperso em jornais e revistas, pois, desde sempre, quase tudo o que escrevia destinava-se a publicação imediata. Talvez se lhe pudesse aplicar a célebre frase de Castilho, a respeito dum operoso e controverso plumitivo do século XIX, Manuel Pinheiro Chagas, o famigerado brigadeiro Chagas satirizado por Eça de Queirós: “Frita à noite os miolos para os comer, logo no outro dia, com a família...”

E logo a seguir redige o testemunho que interessou a Martins Garcia:

Se bem me lembro, no decurso de um dos seus trajectos, aos domingos, através do Bairro Alto e do Chiado, em que lhe fazia companhia, quando entregava, em várias redacções, artigos escritos nas últimas horas, Vitorino Nemésio dizia-me, com mal disfarçada amargura: “Sou uma costureira que anda a distribuir roupa feita ao domicílio.”

Entretanto há que referir um acontecimento de grandíssima importância não só para Vitorino Nemésio, senão também para as letras portuguesas, o qual ocorreu no mesmo ano e um pouco antes das situações incómodas e casos acintosos e ofensivos, censurados veementemente por Martins Garcia. Tal acontecimento foi a cerimónia da entrega do Prémio Montaigne a Vitorino Nemésio, celebrada no Auditorium II da Fundação Gulbenkian, em Lisboa, a 13 de Março de 1974, sob a presidência do Presidente desta Fundação, Dr. José de Azeredo Perdigão, na presença do júri da Fundação F. V. S., presidido pelo Doutor Alfred Toepfer, bem assim de S. Ex.^a o Embaixador da República Federal da Alemanha, Ehrenfried von Holleben, e de S. Ex.^a o Burgomestre

da Cidade Livre e Estado de Hamburgo, Doutor Hans Rau, que fez a *Laudatio* do laureado. Nemésio já havia sido laureado com o Prémio Ricardo Malheiros da Academia das Ciências de Lisboa pelo romance *Mau Tempo no Canal* em 1965, e recebido outras numerosas e enobrecedoras distinções. O Prémio Montaigne, criado em 1968 pela Fundação F. V. S., que o confiou à Universidade de Tübingen e esta, mediante um júri internacional constituído por representantes das universidades de Tübingen, Colónia, Génova e Roma, o atribuía cada ano a uma personalidade notável da vida cultural europeia nos países de línguas românicas, para a distinguir pelos seus méritos excepcionais nos domínios das artes, do urbanismo paisagista, do folclore ou das letras. A primeira personalidade notável a ser distinguida, em 1968, foi Raymond Aron. Seis anos depois, a sétima personalidade notável distinguida com o Prémio Montaigne foi Vitorino Nemésio. Era, na verdade, a consagração europeia de Vitorino Nemésio. Nas suas palavras de agradecimento, como António Valdemar registou, Nemésio auto-retratou-se ao proferir: “Eu sou ao mesmo tempo e acima de tudo português açoriano, europeu, americano e brasileiro e, por tudo isto, românico, hispânico e ocidental e gostava de ser homem de todo o mundo.” Um momento de glória, de reconhecimento institucional, europeu, do valor literário e da importância cultural e histórica da sua obra, o qual certamente o terá confortado numa situação da sua vida em que o seu espírito se atormentava com dificuldades pessoais e familiares surgidas após a sua jubilação por limite de idade que o privou não só das plúrimas e absorventes actividades, quer constitutivas quer resultantes das suas funções de professor universitário, mas também dos respectivos vencimentos e ganhos, indispensáveis para manter a normalidade da vida familiar e da sua própria saúde. Os actos de homenagem a Vitorino Nemésio já vinham a ser multiplicados e intensificados pelos críticos literários e por algumas das mais destacadas figuras da literatura portuguesa, mas a magnitude e o esplendor da projecção europeia do Prémio Montaigne estimularam e multiplicaram aqueles actos e os engrandeceram. Na crista desta maré de admiração e de salvaguarda documental, surgiu, editada pela Livraria Bertrand em 1974, a publicação do livro *Críticas sobre Vitorino Nemésio*—com biografia, bibliografia e antologia de poesias originais em espanhol e francês e versões de textos seus em italiano, francês, inglês e alemão e numerosos estudos e comentários sobre a sua obra literária e histórica, subscritos pelos mais notáveis e competentes críticos, historiadores e mestres da literatura portuguesa. Luiz Forjaz Trigueiros tomou a iniciativa e a organização do livro, e no prefácio justificou-o nestes termos:

Pela posição que ocupa nesta Editora, Vitorino Nemésio tinha direito a que nos juntássemos a tantas e tão diversas vozes que desde há muito têm estudado a sua obra e extraído dela as lições implícitas em cada página sua: nem uma palavra do que escreve é indiferente. E não é também indiferentemente que se escreve aqui “palavra,” pois raros como ele, em qualquer tempo, em qualquer país, assim a têm servido e vivificado, “homo loquens,” senhor de todos os segredos dessa alquimia da linguagem que é a única forma de consciencialização do pensamento. (*Críticas* 8)

Simultaneamente, porém, o prefaciador anota duas outras motivações ocasionais:

Não poderíamos cumprir melhor o referido designio de colaborar nas manifestações em louvor de Vitorino Nemésio, e muito especialmente por ocasião da entrega do *Prémio Montaigne*, do que procurando fixar, na perenidade de um volume único, um pouco do que de essencial se tem publicado, em livro ou na imprensa, especializada ou não, sobre a sua obra. Da unanimidade acima citada, a propósito da cerimónia da sua lição universitária de despedida, dá largo testemunho o volume *Miscelânea de Estudos em Honra do Prof. Vitorino Nemésio*, publicado pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1971, a que pertencem alguns dos textos aqui seleccionados e muitos outros, de certo, faltarão nesta resenha. O poeta, o ficcionista, o ensaísta, o sociólogo, o historiador, o cronista, o conferencista mereceu aos mais exigentes críticos literários, cientistas da literatura, mestres e estudiosos, uma atenção que (bem se vê pelas páginas deste volume) raros escritores alguma vez tão ampla e diversificadamente suscitaram. (*Críticas* 10)

Luiz Forjaz Trigueiros quis rematar a referência temática dos escritos sobre Vitorino Nemésio publicados na obra que organizou, transcrevendo a sua síntese perfeita, como ele a designa, que David Mourão-Ferreira exarou na sua obra, *Tópicos de Crítica e História Literária*, publicada em 1969:

Vitorino Nemésio nasceu com um talento multiforme que daria à vontade para mais dez autores e todos eles de primeira água: dois ou três poetas, a apontarem novas direcções e novos modos de ser moderno na poesia portuguesa; outros tantos ficcionistas, a redimirem de muito erro a nossa ficção, fazendo ascender—através de contos, novelas e romances—certos caracteres nacionais, e até regionais, ao plano europeu e universal que raramente eles têm atingido; dois críticos, pelo

menos, e ambos bem necessários—um da melhor cepa impressionista, outro apetrechado com toda a aparelhagem da mais completa erudição—ambos destinados, ainda por cima, a trabalharem em comum e a oferecerem em conjunto renovadas imagens, inéditas interpretações de toda a nossa história literária; e ainda um extraordinário filósofo da cultura; e ainda um biógrafo e um historiador; e ainda um multifacetado cronista, que por completo renovou as leis do género. (*Críticas* 10)

É na verdade um genial esboço da genialidade de Vitorino Nemésio e da sua obra literária e histórica. Voltemos ao último momento biográfico. Ora, o percurso final da vida de Vitorino Nemésio durou só mais quatro anos. António Valdemar, no artigo do *Diário de Notícias* já citado, legou-nos mais um testemunho amigo de alguns angustiados momentos desses últimos dias.

“Estou cercado! Estou cercado! Sou um homem cercado...” Estas palavras que ouvi de Vitorino Nemésio numa manhã fria e fosca de Dezembro, pouco antes de entrar no hospital onde veio a falecer, repetiu-as deitado na cama, sem poder levantar-se, a contorcer-se com dores, os olhos quase parados e uma voz com soluços entre a agonia e o delírio. Sentia que a morte se aproximava. Veio a falecer às 11h30 do dia 20 de Fevereiro de 1978 no Hospital da C. U. F., onde estava internado desde o dia 26 de Dezembro de 1977. Nascera a 19 de Dezembro de 1901 na Praia da Vitória, Ilha Terceira, como ele anotou numa Nota Autobiográfica.

Eu tive conhecimento da morte de Vitorino Nemésio na tarde do próprio dia em que ele faleceu. Estava no gabinete da Reitoria da Universidade dos Açores ocupado na ultimação dos assuntos do dia e foi-me passado um telefonema do Emissor Regional dos Açores. Deram-me, com audível emoção, a notícia da morte de Vitorino Nemésio, e solicitaram-me instantemente que naquele mesmo instante, em face da notícia, gravasse um breve depoimento perante o triste, se bem que esperado, acontecimento. Foi para mim também um momento de forte emoção e não pude recusar o convite de participar na homenagem a Nemésio, mas a emoção de pena e de admiração perturbou a elocução do meu sentir e do meu pensar. No dia seguinte, o diário micalense *Açores* dedicava toda a primeira página ao comovente acontecimento, encabeçando a primeira página cobrindo três colunas com o seguinte título, “Morreu Vitorino Nemésio a quem se deve a

pátria insulana reencontrada em canto.” Um belo e expressivo título que o redactor do jornal desenvolveu biográfica e literariamente. À esquerda, numa tabela rectangular que ocupava três quartos das duas primeiras colunas, destacava-se, em cabeçalho negrito, uma frase do meu improviso: “Perdemos o maior escritor e poeta de todos os tempos—Disse o Doutor José Enes.” E a seguir imprimia-se o que eu respondi quando, ao telefone, o entrevistador me perguntou como me sentia ao ouvir a notícia da morte de Vitorino Nemésio:

Dos depoimentos recolhidos ontem pelo Emissor Regional dos Açores sobre Vitorino Nemésio, transcrevemos o seguinte excerto do Doutor José Enes, Reitor da Universidade dos Açores: “Sinto-me de luto como açoriano, porque perdemos assim o maior escritor e poeta de todos os tempos. Vitorino Nemésio realizou uma obra que é a interpretação literária do Povo Açoriano; e, por isso, é uma pessoa que está com todos nós como em nossa própria casa. Nós sentimos-nos, ao ler a obra de Vitorino Nemésio, como em nossa própria casa. Ele é a nossa voz, ele é a nossa consciência colectiva, ele é realmente o artista que soube dar uma forma artística, literária à nossa maneira de ser, ele é, por isso, na sua obra, a expressão de nós todos. É por isso que, quando esta voz se apaga, sentimos que a nossa casa ficou, por assim dizer, às escuras. Era a consciência que sobre ela velava, dando-nos a nós todos a sensação de que estamos vivos e alertando-nos dos rumos da História. É natural que neste momento, em que somos informados de que morreu Vitorino Nemésio, é natural que me sinta, como açoriano, também com os mesmos sentimentos de quem está de luto. E também, como português, porque realmente Vitorino Nemésio ultrapassou as nossas fronteiras açorianas e, pela sua obra e como professor universitário, formador de várias gerações, ele é um dos grandes valores da História de Portugal, é um dos maiores escritores, dos maiores literatos da literatura portuguesa. Portanto, também como português, eu me sinto em luto.”

Como se vê, é um texto imperfeito, oralmente improvisado, cuja grafia e pontuação não são de minha autoria, mas estão correctas e não alteraram o sentido do meu depoimento. Passadas pouco mais de duas semanas, a 8 de Março do mesmo ano, o *Açores* voltava a dar notícias honrosas a respeito de Vitorino Nemésio, e publicava na página 3 um longo artigo, assinado em Vila do Porto no mês de Fevereiro por José Raposo Marques, com o título “A Morte de Vitorino Nemésio” e o subtítulo “A Propósito de um Comentário do Dr. José Enes.” É uma exacerbada, erudita e longa catalinária contra a

minha afirmação de “com a morte de Vitorino Nemésio termos perdido ‘o maior escritor e poeta de todos os tempos.’” Foi na verdade uma formulação incorrecta que o penúltimo período do meu depoimento telefónico tentou corrigir. Lembro este episódio porque está ligado à minha homenagem como reitor da Universidade dos Açores a Vitorino Nemésio por ocasião da sua morte, e colho a ocasião, talvez última, de exarar por escrito o meu grato reconhecimento ao director do *Açores*. Das duas notícias respeitantes a Vitorino Nemésio, uma refere-se à publicação, anterior ao falecimento de Nemésio, de dois dos seus últimos poemas com o título “Poemas Ilhéus,” na revista *Colóquio/Letras*. A outra tem o título seguinte, “A Legião de Honra para Vitorino Nemésio” e a respectiva narração:

Lisboa, 6 de Março (ANOP)—O embaixador de França em Portugal ao entregar, hoje de manhã, à filha mais velha de Vitorino Nemésio, a Legião de Honra com que o governo do seu país agraciou o escritor ainda em vida, manifestou o desejo de que a condecoração fosse testemunho da “profunda admiração pelo homem que foi Vitorino Nemésio, pela obra que deixa e pelo amigo da França. Todos os que o conheceram souberam apreciar a sua bondade que não excluía a generosa ironia,” disse o embaixador francês sobre Vitorino Nemésio, sublinhando, também, referindo-se à sua obra como “professor e jornalista, que Nemésio exerceu profunda influência” em toda uma geração de intelectuais que lhe devem “parte da sua personalidade.”

O filho de Vitorino Nemésio, comandante Manuel Nemésio, ao agradecer em breves e emocionadas palavras, e traçando o perfil de seu pai nas múltiplas facetas, salientou ter sido “um homem digno da comunidade” e que a Legião de Honra era também “digna de Vitorino Nemésio.”

Estiveram presentes na cerimónia, além da família do escritor, personalidades ligadas à cultura portuguesa tais como David Mourão-Ferreira, Natália Correia, João José Cochofel, Jacinto do Prado Coelho e o Reitor da Universidade Clássica de Lisboa, Ilídio do Amaral.

A condecoração de Vitorino Nemésio, após a sua morte, pelo Governo da França com a Ordem da Legião de Honra foi o segundo forte estímulo para a multiplicação e intensificação das comemorações nemesianas. As mais frequentes foram os aniversários.

Ora, foi o convite da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo a participar na celebração de mais um aniversário, o décimo, que me levou a

procurar o entendimento da maré crescente das comemorações nemesianas. Na pesquisa literária, biográfica, hermenêutica e crítica, que então fiz para a elaboração do meu contributo, julguei haver alcançado aquele entendimento, quando descobri a origem elocutória, inspiradora e falante do discurso nemesiano em prosa e em poesia. A denominação, que lhe dei, serviu de título à conferência com que participei na comemoração do décimo aniversário da morte de Vitorino Nemésio, correspondendo ao convite da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo.

Até a este momento procurei dar-lhe um enquadramento biográfico e literário mais amplo e elucidativo, com a intenção de a tornar mais fundamentada e sugestiva. Foi por causa deste intuito que a toda esta introdução antepus o título da conferência que não chegou a ser publicada. Passo agora a transcrevê-la na íntegra, com algumas correcções e acrescentamentos, mantendo a divisão em parágrafos.

Exemplaridade conjuntural da obra de Vitorino Nemésio

Rito da Comemoração Nemesiana

Decorre hoje mais um aniversário da morte de Vitorino Nemésio. E a Câmara de Angra do Heroísmo, a quem ele, na sua inteireza de terceirense, açoriano, português e homem, chamou a *minha cidade*, quis, mais uma vez, celebrá-lo. É um rito que os terceirenses vão instituindo, acolitados por açorianos das outras ilhas e por continentais; rito, como todos, composto de gestos, de palavras e de ritmo; mas a sua alma é o *sentido* que ele tem. E este nasce com ele animando e guiando o movimento e a configuração dos gestos, o significado e a sonoridade das vozes, a frequência e a harmonia do ritmo que dispõe no tempo os gestos e as vozes. Neste conjunto, são as vozes que *dizem*: dizem o que têm a dizer; dizem o que os gestos simbolizam, dizem o que o ritmo temporaliza.

O que eu constato nos acontecimentos que se vêm sucedendo em vinculação directa à morte de Vitorino Nemésio, nas reedições, nas edições póstumas, nas antologias, na proliferação de hermenêuticas, de ensaios teorizantes, de estudos literários, de um certo comentarismo apostiloso e parasitário, e de algumas interpretações criativas, fecundadas pela congenitidade matricial com o pensar nemesiano, é a emergência do valor simbólico da obra do autor de *Mau Tempo no Canal* e de *Limite de Idade*. E ponho em epígrafe, à totalidade da numerosa e diversificada obra nemesiana, aquele romance e este livro de poemas, pela

tensão de extremos que cada uma destas obras ocupa naquela totalidade.

O romance, a obra-prima que fez abrolhar, nos olhos do patriarca da crítica presencial, João Gaspar Simões, as “lágrimas que se não vertem senão quando se lêem obras-primas” (*Crítica* 74). A tensão que nele se trava é a da perfeição. Os elementos e os processos, usados nas outras obras do mesmo género, aqui atingem o virtuosismo do artista consumado, exímio manejaedor da sua arte. Para uma teorização expressionista, de fundo e forma, da

transfiguração da realidade concreta em matéria verbal, susceptível de, na imaginação do leitor, se precipitar numa realidade equivalente àquela que transfigurou, *Mau Tempo no Canal* constitui, realmente, um milagre de equilíbrio entre a fantasia metafórica de Vitorino Nemésio e a acção psicológica requerida para que uma imaginação literária em movimento atinja o ponto de fusão em que o estilo se torna vida e a literatura expressão das paixões dos sentidos humanos. (Simões 73)

Numa perspectiva formalista da arte literária, pura, como a de Martins Garcia, “*Mau Tempo no Canal* é pois o grandioso epílogo da arte narrativa de Vitorino Nemésio. Essa arte associa-se àquilo que designámos como ‘um universo de presságios.’ Das micro-estruturas às macro-estruturas, a linguagem deste romance constitui um Mundo de interpenetrações” (125). E o fino bisturi analítico de Martins Garcia revela, aos nossos olhos encantados, a complexa e delicada anatomia deste Mundo em cuja contemplação a experiência estética é tocada pela catarse do contangimento destinal. Pois aqui, no espaço da historicidade possível, se trava outra *tensão*: na tessitura existencial das personagens, que o artista cria, divisamos os vectores da destinação das nossas vidas, reconduzidas como que por encantamento, às matrizes da nossa naturalidade, aonde nós próprios nos aparecemos reivindicados pelas tensões dos nossos destinos, dos nossos projectos, dos nossos júbilos e das nossas tristezas, dos nossos sonhos e das nossas desilusões. Aí, nessas matrizes de historicidade existencial, nos revemos como num espelho, como se fôssemos cristais a crescer na sua própria *aqua mater*. A esta perspectiva mais filosófica, que é a minha, *Mau Tempo no Canal* ergue-se como a encarnação romanesca do universo humano suscitado pela obra nemesiana, ao qual o leitor, tocado pela suscitação do discurso, sente pertencer.

No outro extremo, está o livro de poemas, *Limite de Idade*, e nele se

travam três fortíssimas tensões. A primeira é inerente ao próprio limite da idade profissional, início da aproximação da morte; a segunda tensão trava-se no interior da nossa era que pela ciência e pela tecnologia alcançou a atômica potência da sua própria destruição; a terceira é a tensão entre a mundividência tradicional e a mundividência configurada pelas descobertas da física nuclear e da microbiologia, a qual se trava entre a matematicidade figurativa do discurso euclidiano e a poeticidade da representação simbólica da estrutura nuclear da matéria.

O título, que Nemésio pôs ao derradeiro livro de poemas leva uma intencionalidade censora a que o primeiro poema, titulado “Epígrafe,” fará menção. A ele, porém, Nemésio antepôs uma longa dedicatória, e um poema francês, coevo dos outros, “Cuisine Chinoise,” ambos, dedicatória e poema, também intencionais.

A dedicatória é uma emocionada homenagem ao biólogo e geneticista português Aurélio Quintanilha, a quem saúda como *patrício e amigo fraterno*, e esquissa o currículo académico e científico apoiando-se no que Flávio Resende publicou na *Revista de Biologia*, vol. Quintanilha, 1964, e no livro *Viagem de Estudo*, que o próprio A. Quintanilha publicou em Lourenço Marques, 1959. Do currículo transcrevo apenas o que respeita às inovadoras descobertas científicas do homenageado e aos poemas que Nemésio lhe dedica. Depois de mencionar os mestres estrangeiros e portugueses de que A. Quintanilha foi discípulo, regista as descobertas científicas que lhe deram notabilidade, prémios, pronunciamentos em congressos, distinções:

Precursor dos prodígios do Código Genético (ADN) ao achar coisas tão novas que pareciam absurdas (1938: nas confrontações incompatíveis, dois núcleos do dicácion do micélio secundário de Basidiomicetos formam um núcleo novo que diploidiza o núcleo primário. Só doze anos depois, Papazian, assistente do Prof. J. Raper de Massachusetts Institute of Technology (Harvard),² confirmando os resultados do investigador português, impôs a descoberta. E a tetrapolaridade irregular por conversão ou mutação dirigida nos Himenomicetos (1935), explicação confirmada pelos trabalhos da equipa do Dr. Giles nos Laboratórios de Gibbs e Osborn (Yale, 1958). E a clarificação do conceito de espécie nos Fungos superiores. (A. Fernandes, *Bol. da Soc. Broteriana*, vol. XXXVI, 2ª s., 1962.) “Prémio Hansen de Microbiologia” (Copenhage, 1937); “estrénuo defensor da genética clássica, mendeliana, contra as pretensões pseudo-michurinistas da ciência oficial soviética” (X Congresso Internacional de Genética, Montréal, 1958-

1962); “membro único eleito representante da Península Ibérica no Comité Permanente Internacional de Genética 1958-1962”; “notoriedade mundial entre os cultores dos mais diferentes ramos da Genética” (Flávio Resende, *Op. cit.*); tão do “eterno retorno,” que, dobrado o cabo dos setenta, e desviado pelo seu país para a simples e utilitária pesquisa de fibras têxteis, reciclou os seus conhecimentos fundamentais a ponto de tornar-se um dos melhores expositores da genética de Bactérias e Vírus:—dedica estes delírios microfísicos e biopoéticos quem ele chamava—com um grão de sal, paternalmente— “o pinsador” ... nos felizes anos de Coimbra de 20 e nalguns (que ainda o foram) de 30.

Os termos e os conhecimentos por eles revelados nos domínios da microbiologia, então ainda em surpreendente descoberta experimental e teorizante, manifestam a íntima familiaridade com que Vitorino Nemésio convivia com os cientistas e com as suas descobertas. Neste mesmo sentido confluem as duas citações, que a seguir transcreve, de dois grandes cientistas entre os maiores, ambas de grande importância para penetrar na hermenêutica da elocução literária nemesiana. A primeira é a da conferência *Significação e Limites da Ciência*, proferida por Max Plank, Prémio Nobel de Física 1919, em Berlim-Dahlem, Nov. de 1941, segundo a tradução francesa de André George, Paris 1960. Transcrevo-a na íntegra pela importância que Nemésio lhe atribui:

Os elementos reais deste quadro do mundo em formação já não são os átomos da química, mas os electrões e os prótons cujas interações mútuas são governadas pela constante da velocidade da luz e pelo “quantum” elementar da acção. De sorte que, do ponto de vista actual (1941), podemos considerar ingénuo o realismo da pintura clássica do mundo. Mas ninguém pode dizer se, nalgum dia futuro, as mesmas palavras não deverão servir para designar, por sua vez, a nossa imagem moderna do mundo.

A outra citação é do artigo de André Lwoff, médico e biólogo francês de origem judaica (Prémio Nobel de Medicina 1965), publicado, com o título “Protistes, Microbes et Virus—Remarques sur l’évolution des mots,” na *Revista de Biologia*, vol. IV, 1962-1964, em homenagem ao Prof. Aurélio Quintanilha por ocasião do seu 70º aniversário. Nemésio transcreveu-a na língua original a conclusão a que ele chegou, “partindo do facto de sábios e filósofos, como Francis Bacon, Condillac, Lavoisier e muitos outros, terem reconhecido o papel e a importância da terminologia na evolução das ideias

e sobretudo no desenvolvimento da ciência, e terem compreendido o valor heurístico das definições.” Eis a conclusão:

L'histoire ici esquissée des mots microbe et microbiologie, virus et virologie, montre que le langage médical et même scientifique ne se développe pas toujours selon la logique. La langue suit une marche ondulante et incertaine. Les mots, souvent, précèdent les concepts et les définitions. L'usage et le sens s'infléchissent et se modifient au gré des choses, des modes ou des enseignements. Guérir une terminologie atteinte d'une maladie congénitale est certes une tâche difficile. Le mot virus est peut-être tiré d'affaire. Quant au mot microbe, il connaîtra encore de temps difficiles. Il convient donc de l'entourer de beaucoup de soins et de sollicitude.

Por fim, vem o poema em francês assinado e datado:

“CUISINE CHINOISE”

Les savvants se rencontre dans les mots.
 Les pauvres se partagent des os.
 Les matelots se sauvent sur les eaux.
 Les hommes se cachent leurs grelots
 À fin qu'on ne les prenne pour des sots.
 Les poètes se grisent de mots,
 De peur qu'on ne les écorchent:
 Sauvons la peau,
 Porche
 De l'ADN,
 Car notre aubaine
 Est le poteau,
 Dernier cri des robots. (V. N. 12 Maio 1972)

Um poema em que a hábil elocução francesa ironicamente exprime a tragicidade do progresso científico e técnico, tanto para os sábios que se reencontram nas palavras, como para os pobres que se partilham os ossos e para os marinheiros que se salvam sobre as águas, tanto para os homens que escondem os guizos a fim de não serem tomados por tolos, como para os poetas “que se embebedam com palavras com medo de que os esfolem: salvemos a pele, pórtico da ADN, pois a nossa salvação é o poste do telégrafo, último grito dos robôs.” Era com tais termos neológicos que Nemésio renovava o discurso poético

actualizando a perspectiva da mundividência conjuntural e ao mesmo tempo salvaguardando a autenticidade do seu universo literário. Os tópicos, a partir dos quais elocucionou os poemas do seu último livro de poesia, *Limite de Idade*, estão enunciados no primeiro que intitulou “Epígrafe.” A interpretação deste poema pode proporcionar a perspectiva hermenêutica da perístase do livro todo. Aliás, esta possibilidade parece estar sugerida pela aceção mais corrente do título posto por Nemésio.

Vitorino Nemésio data o poema, “Epígrafe,” de 28 de Dezembro de 1971, e a 19 do mesmo mês fizera 70 anos. Esta data do septuagésimo aniversário era a vinculação legal ao estatuto de Professor Catedrático Jubilado. Foi o seu *Limite de Idade*. Entretanto, o efeito do seu vigor anulante, pelas praxes legais académicas, antecipava dez dias o seu eco emocional, porquanto a 9 do mesmo mês proferia a sua Última Lição. E dado que este primeiro eco emocional do Professor se vai reflectir no segundo, o livro de poesia *Limite de Idade*, convém transcrever o exórdio do primeiro:

Dou a minha última lição de professor na efectividade e em exercício, segundo a lei. Claro que a lei só tira o exercício ao funcionário: o homem exerce enquanto vive. Como sou filólogo—linguista à antiga—penso por dentro das palavras e aqui recorro a Virgílio: “Exerceo diem”³:—hoje ganho a última jorna cumprindo a tarefa estipulada. Isto me leva a perguntar se sempre a cumpri bem, e a resposta é naturalmente negativa. Assim uma lição se torna exame de consciência, que é acto do foro íntimo mas que bem posso publicar, como dádiva aos meus alunos. O ensino não é mera informação do saber mas norma de humanidade, testemunho do autêntico. Uma sociedade que só instituísse informações teóricas aplicáveis ao êxito rentável teria a civilização moribunda. É o grande risco da nossa. (*Criticas* 21)

As ideias e os sentimentos formulados neste exórdio reflectem-se já nos textos da dedicatória dos poemas do livro *Limite de Idade* ao grande microbiólogo e geneticista Aurélio Quintanilha; mas é no primeiro poema “Epígrafe” que tais ideias e sentimentos se assumem em verso:

Abro no choupo incisivo o meu semblante
 (Sou gravador em pedra).
 Sossego é todo o Outono terno e imóvel:
 Tramas de folha, estâncias altas, cinzas.
 Já, de vagar, dos Fiéis avança o dia

Com carroças no Céu, disposições de Outubro.
Minha morte civil, folha de vencimentos,
Cairá também como choupo amarelo,
Aposentados nós nos escudos do exílio:
Filhos que tenho, um a cada ombro,
Filhas, cada uma a sua asa,
Do pássaro poeta anipararão o extremo
Com a ajuda de três que me adoptaram
E netas, netos cantando no caminho:
“Ó Senhor Ladrão, ande ligeirinho...”
Fogueteiro maneta, pela mão da Velhinha,
Que de pedras me encheu o bolso contra apupos.
Recolho já da tarde o rasto ultravioleta,
Aproveito o poente enquanto há sangue lampo
E, ambos surdos à borda da lareira,
Atiço positrões improváveis no campo.
Abro no choupo o que fecho no osso:
Meu nome passageiro
Convocado do chão.
Adeus, árvores, árvores novas!
Até logo, ó pessoas efectivas,
Meus amigos fornados para o adeus!
As mãos me tremem no vulto,
Minha maneira de folhas,
Que o choupo inciso sou eu:
Espalho as relvas em torno,
Espelho-me na tarde idosa:
Só peço que me levem como ao tronco
Num carro de que os bois tenham fugido
Com as unhas de fogo e os cornos de alma,
Metendo-se no mar, de puro espanto,
Comigo em ficta lágrima num pêlo
Que grávida gaivota levas às Ilhas.

Mas escondam, por tudo, peço,
Minhas penas às filhas,
Se o mereço. (28 Dezembro 1971)

Este poema, com ágil loquacidade, mostra à evidência os engenhosos e brilhantes processos elocutórios do discurso poético de Vitorino Nemésio. Martins Garcia caracteriza-os sucinta mas sugestivamente:

É em linguagem densa, acumuladora, polissémica, carregada desse legado milenar que, no Ocidente, mergulha na tristeza grega perante a velhice e a morte, e alastra pelo tom elegíaco dos líricos latinos, e prolifera no Renascimento (“Isto é sem cura”—lamentava-se Sá de Miranda), e reaparece onde ressuscitar, por mais ténue, o paganismo (“Há noite antes e após o pouco que duramos”—Ricardo Reis)—é dentro desse legado milenar, dizíamos, que Vitorino inicia o primeiro poema de *Limite de Idade*. (*À luz do Verbo* 279)

O próprio título determina a experiência vivencial que inspira e ordena todo o poema. Começa por dar a entender que primeiro dá a cara como se a esculpisse em um choupo, ele que tinha sido gravador em pedra. Depois, dá um suspiro de paz ao sentir a sua velhice como o Outono terno e imóvel, e também, como ele, com tramas de folha, estâncias altas, cinzas. A alusão alegórica ao vagaroso avanço do dia dos Fiéis (defuntos?) com carroças no Céu, prepara a referência à “minha morte civil, folha de vencimentos, cairá também como ao choupo amarelo.” Aí alude à situação em que fica a família com dois filhos e duas filhas—“Aposentados nós nos escudos do exílio,” e à convicção de que elas, com a ajuda de três que o adotaram por pai, juntamente com a graciosa alegria de netas e netos, seriam o amparo dos seus últimos dias de poeta, já que os de professor universitário haviam já acabado. E logo ergue a sua voz num adeus dorido:

Adeus, árvores novas! Até logo, ó pessoas efectivas, Meus amigos formados para o adeus! E logo se perturba com angustiada dor da partida: As mãos me tremem no vulto, Minha maneira de folhas, Que o choupo inciso sou eu: Espalho as relvas em torno, Espelho-me nas águas vivas, Cortam-me na tarde idosa: Só peço que me levem como ao tronco Num carro de que os bois tenham fugido Com as unhas de fogo e os cornos de alma, Metendo-se no mar, de puro espanto, Comigo em fíctra lágrima num pêlo que grávida gaivota leve às Ilhas.

Decifrando o enigma alegórico ao escrever que o choupo inciso era ele mesmo o autor do poema, a significação imaginosa e irreal da alegoria poética adquire a clara revelação de ditos e factos reais, envolvidos numa

surpreendente e estranha sentimentalidade também real, cujo momento supremo é alcançado pelo arrojado transporte do poeta num carro de bois que se metem no mar de puro espanto e o escondem em uma lágrima fingida num pelo que grávida gaivota leve às Ilhas. Esta elocução poética alegórica compõe todos os poemas de *Limite de Idade* e é um permanente convite à leitura de toda a obra literária de Vitorino Nemésio, pois só assim se pode alcançar o entendimento da plenitude significativa da penúltima estrofe do poema “Epígrafe.”

Fecho esta referência ao *Limite de Idade* com o seu último poema “Requiescat” que Nemésio datou de 15 de Junho de 1971 e Martins Garcia denominou o próprio epitáfio do autor que no livro lhe deu o último lugar. Nele soa distintamente o último eco do primeiro poema “Epígrafe.”

Ao descer a noite sobre o seu dia que finda, o espírito criativo de Nemésio, com a lucidez cansada, sem ódio e sem expectativa de mudança e novidade, com a tristeza do desconhecimento *de lá* e a frustração de quanto lhe foi dado a conhecer *cá*, tem o vislumbre do novo dia da História que se vai seguir àquela que na sua obra sobrevive, e ensaia os acordes do novo canto.

Direi, pela noite, não ódio que tivesse
 Nem detestar vida corpórea e ninhos de manha
 Mas meu alto cansaço, a tristeza de lá
 Onde se sente o aqui traído, a falsa entranha.⁴
 Direi—não “fora!” ao mundo que me cinge
 (onde o sei e como chegaria?),
 Mas dos anos de ver, pensar durando
 Retiro uma moeda de nada,
 Fruto do meu suor, e pago o pão que se me deve
 Compro o silêncio que se me deve
 Por ter cumprido a palavra,
 Trabalhado nas palavras,
 E por elas merecido a terra leve. (15 Junho 1971)

Ao entrar na noite do dia que está findando não rejeita a luz que o iluminou nem a troca pela luz do dia novo que o apaga. Não rejeita o mundo que naquele dia viu e viveu e lhe deu voz e entendimento, porque tem a lucidez serena de ele ficar ao alcance de quantos lerem a sua obra.

Culminada nestes dois extremos, a obra nemesiana tem o vigor genésico

de compreensão e de posse do sentido da história vivida e, por isso mesmo, dos vectores de futurição que lhe garantem continuidade.

Deixar-nos contagiar por este sentido para, à sua luz nos entendermos e descobrirmos o caminho da sobrevivência, é o apelo a que o rito da comemoração nemesiana responde.

2. Exemplaridade nemesiana

Ora este sinal poderoso, que alumia e acena, não foi por acaso ou incôscia ontogénese que carismou a plúrima, e ao mesmo tempo *una*, obra de Nemésio. Brotando é certo das raízes mais profundas da sua personalidade, desde muitas heranças de parentesco e de cultura até à singular e incomunicável circunstancialidade da sua humana condição, aquele carisma foi uma configuração programada e conscienciosamente procurada e conseguida. O momento da formulação metódica e de projectação prospectiva de tal programa foi a conferência *O Açoriano e os Açores*. O seu autor tinha, quando a proferia, 27 anos de idade. A poesia do *Canto Matinal* e da *Nave Etérea* ia ganhando envergadura para os futuros voos. Mas a narrativa alcançara já a vigorosa musculatura das personagens caracterizadamente esculpidas e dos ambientes imaginosa e caligrafados, nos contos de *Paço de Milhafre* e do romance *Varanda de Pilatos*. A colaboração jornalística atarefava-se por vários periódicos travando as primeiras relações com figuras grandes da vizinha Espanha, e publicando estudos literários e artísticos.

As alocações de intervenção cultural já o haviam guindado a tribunas de alto coturno, os *Jogos Florais* em Angra no *Salão Nobre* da Câmara Municipal com o arrojado e fatal académico madrigal à futura heroína de *Mau tempo no Canal* (1924); conferência sobre Camilo na Universidade Livre, no *Salão Nobre* dos Paços do Conselho de Coimbra, com a presidência de Eugénio de Castro (1925).

Vitorino Nemésio, com os seus 27 anos voluntariosos, e criativos e já creditados ao apreço do reconhecimento da academia coimbrã e dos círculos literários portugueses, espanhóis e franceses, tem nesta altura o perfil da sua personalidade de escritor traçado. É nesse ano que vem a lume no *Instituto*⁵ o estudo também programático e inovador da *Arte de Escrever*.

A iniciativa, em que a conferência sobre o *Açoriano e os Açores* se insere, oferece-lhe ocasião para o definir e legitimar. Era um “plano de reabilitações regionais cuja iniciativa pertenceu à Associação Académica Coimbrã e que visava acordar na alma dos estudantes um inteligente amor às suas terras de

origem” (*Sob os Signos* 88-101). Da série de conferências programadas, a de Nemésio foi a primeira. E só mais uma lhe seguiu.⁶

Nemésio aparece à cabeça e esta primazia é justificada na legitimação. Nemésio formula-a com a proficiência e o tom de quem lidera a iniciativa. Era um projecto de pensamento histórico e filosófico de consciencialização nacional, ao arrepio do chauvinismo dos pequenos nacionalismos,—o carbonário e o integrista, engalfinhados na radicalização intolerante de *crê ou morres*, distraídos, por essas guerras dos santuários do poder na capital do Estado, da elaboração do mundo e dos vínculos civilizacionais que ligavam Portugal aos espaços da sua conaturalidade histórica.

Abrindo o alicerce para os fundamentos do seu projecto exordia, citando Anatole France no discurso de homenagem a Teófilo Braga: “As pátrias devem entrar, não mortas, mas vivas na Federação Universal.” E Vitorino comenta: “Quis dizer Anatole que as pátrias não são o grau supremo e concluso da ordem social do mundo. Integram-se nas grandes comunidades históricas, nos equivalentes contemporâneos da *Republica Christiana* e outros blocos gregários” (Nemésio 88).

Nemésio denunciava, assim, a marginalização histórica a que Portugal estava condenado pelos radicalismos tanto do laicismo carbonário e pseudo-progressista, que proclamavam expurgar, em duas gerações, a vergonha do catolicismo retrógrada, como do integrismo passadista da ressuscitação, em pleno século XX, da ideologia fundamentalista da Fé e do Império. Mas, em lógica integração neste quadro, Nemésio apontava o fosso aberto, por esta ruptura com o mundo, entre a realidade humana, cultural e histórica do povo português e os grupos da classe política envolvidos na luta pela posse do aparelho estatal, ocultando as suas origens regionais na estandardização burocrática e na obtusa opacidade do snobismo da capital. Assim como as pátrias se integram nas grandes comunidades históricas, do “mesmo modo, as regiões e as províncias são como que sub-consciências da plenitude nacional.”

Nemésio formula a sua intenção:

Ora eu quisera dar, numa hora de torpe obnubilação dessa consciência plenária, uma ideia quanto possível completa dos Açores e do açoriano; mas não só a exiguidade de uma conferência no não permite, como teria que me embrenhar em questões que só conheço pela rama. Hinos à terra, no estilo de caravelas e das cruces de Cristo, dos cinzeiros, não sei nem quero fazê-los. Soa-me a oco. São dispneia mental ou incontínência da língua.

Deixarei pois o género aos estilistas castiços de um Portugal Maior, e enveredarei pelo caminho mais simples, e a meu ver mais directo, que vos pode mostrar alguns aspectos das minhas ilhas e dos seus homens. Os senhores não sairão daqui com uma noção precisa sobre aquelas ilhas remotas; mas creio bem que adivinharão através das minhas palavras a existência de uma realidade açoriana que não só geograficamente se manifesta, mas que sobretudo é viva numa ética própria, numa vida—em suma—em muitos pontos especializada e diferenciada. E, se assim for, não teremos perdido absolutamente o nosso tempo. (*Sob os Signos* 88)

Estava declarado o objectivo: contribuir para a plenitude da consciência nacional e para a consciencialização da sua integração nas grandes comunidades históricas da sua conaturalidade civilizacional, através da *arte de escrever* detectora e reveladora dos traços típicos da realidade humana, social e geográfica, cultural e ambiental das comunidades regionais enquanto formam e enchem de vida e de sentido a comunidade nacional.

E estava também sugerido o segredo estilístico daquela “arte de escrever: fazer adivinhar, através das palavras dele, a ética própria da vida da comunidade e aqueles traços típicos” que a especializam e a diferenciam. É uma heurística diagnóstica que vem mais no génio e no tino do que se aprende dos mestres e das metodologias. E é um estilo que faz da linguagem a prestidigitação mágica da materialização configurativa, em pessoas e em comunidades inteiras, do que é apenas um traço, um olhar, um gesto, uma voz.

Na parte final da conferência, tirando a conclusão almejada, Nemésio completa a exposição do seu projecto:

Esta conferência integra-se num plano de reabilitações regionais, cuja iniciativa pertence à Associação Académica de Coimbra e que visa acordar na alma dos estudantes um inteligente amor às suas terras de origem. Há pois nesta empresa um fim de alcance prático, qual o de fazer incidir sobre as actividades locais a atenção daqueles, que por sua condição de dirigentes, podem de longe ou de perto influir nelas, dando-lhes rasgo e eficácia ... Mas há também nestas conferências uma função de exemplaridade, que se dirige, não às capacidades de intervenção regional de cada um, à sua preparação de procurador ou de município, mas a elementos mais profundos, mais largamente humanos. E, nesse caso o que há a fazer é mostrar como um homem, nado e criado num ponto que se furta aos grandes

meios de comunicação e de labuta, ao poder sugestivo de uma civilização enérgica, imediata e concentrada, enriquece o temperamento que se lhe talhou na terra a ponto de chegar aos mais altos resultados de pensamento e de conduta. (*Sob os Signos* 100)

O objectivo final e, ao mesmo tempo o processo mais criativo, do discurso hermenêutico e caracterizante da essencialidade das comunidades regionais, era, portanto, identificar os casos concretos que possam assumir a função de exemplo e de como o homem, a partir da matriz humana da sua congenitidade pertencente a uma comunidade regional, se pode elevar aos mais altos níveis de realização da personalidade nos parâmetros nacionais e até mundiais. Em cada um destes casos é a densa concentração singular da humanidade do indivíduo e da comunidade, que se potencializa, desabrocha e esplandece na amplitude do horizonte dos valores universais.

Ao atingir esta revelação a exemplaridade é o espelho em que cada um e a comunidade se podem contemplar a si mesmos e podem ser vistos por todos na dimensão da universalidade.

Vitorino Nemésio e Antero de Quental

Vitorino Nemésio quis exemplificar esta exemplaridade: “Para os Açores este homem foi Antero. Ele nos dá o alto exemplo de uma vida que, partindo das mais estreitas limitações do espaço e do tempo, pouco a pouco se despoja deles até encontrar o fundo irreduzível da sua própria humanidade” (*Sob os Signos* 88). Vitorino Nemésio tinha já nessa altura não apenas o projecto existencial de vir ele próprio a tornar-se um remarcável exemplo para os Açores, mas a translucidez da certeza de já o ser; somente, se esquivava na decadência do discurso à imprudência de se apresentar como tal. A diferença, porém, entre as duas exemplaridades é tão acentuada para a própria intencionalidade do discurso revelador da potencialização do património regional originário na personalidade de Antero, que Nemésio mal disfarça a dificuldade de urdir com harmonia lógica a argumentação comprovativa da exemplaridade anterioriana.

Nemésio aponta um movimento de desligação progressiva da personalidade de Antero em relação à sua herança e pertença açoriana:

Antero enriquecendo a sua alma e entregando-a aos altos problemas do seu tempo, reduzia as suas efemérides de baixa efemeridade. Não porque fossem indignas de um destino seguro e honrado, de uma vida que, como a humana, tem na

humildade e no silêncio uma das maiores garantias de se não perder de todo. Mas porque o essencial, neste mundo, é ganhar as asas que nos libertam da temporalidade e da matéria. (*Sob os Signos* 88)

Esta é uma universalização obtida por meio da abstracção lógica, da ruptura entre as essências e a sua conversão real. O universal resultante deste processo abstractivo, perde a sua realidade concreta e fica reduzido ao conteúdo objectual de uma ideia ou de um conceito. A identificação teórica entre esta estrutura conceptual e a realidade é a decisão platónica, que se há-de repetir no começo da época moderna com uma alteração de sentido que lhe retirou, nessa conjuntura, a vitalidade que deu ao platonismo a capacidade de vir inspirar a ética agostiniana da visão cristã do homem e da história.

Para Platão o *eidos*, a estrutura inteligível vista e contemplada pela inteligência, pelo *nous*, era a realidade por excelência, a única realidade; enquanto que a circunstancialidade material da existência humana e do seu mundo sensível era o seu reflexo, configurado pelo Demiurgo divino sobre a matéria amorfa, o substracto incriado, o *ápeiron*. Na concepção cartesiana e nas que lhe seguiram, o modernismo de Leibniz, de Wolf, de Kant e o idealismo alemão em geral, a identificação foi feita ao contrário, a realidade é que foi identificada com a ideia, o real com o possível. O pensamento de Antero ficou uma presa do universo lógico-matemático da filosofia racionalista e idealista. Daí o trauma provocado pelo irracionalismo da natureza e da história, e a fuga para o mito platónico, a contemplação despersonalizante segundo a interpretação idealista, e para a evasão aniquilante das religiões dravídicas orientais.

Vitorino Nemésio observa que, seguindo a via da renúncia à tranquilidade plebeia da baixa efeméride, Antero se libertou da temporalidade e da matéria e assim deu aos Açores a possibilidade de, por intermédio dele, “partilharem das mais graves e nobres inquietações da Europa contemporânea.” E reconhece que se, por um lado,

Antero sempre pôs em primeiro plano os problemas da Península, do Ocidente e até do mundo, por outro lado, nem por isso foi patrioticamente um transviado. Foi um açoriano e um português, mas acima de tudo foi um homem. O seu regionalismo e o seu nacionalismo são pois um digno exemplo que todos devemos tomar. (*Sob os Signos* 88)

E abro aqui um parêntese chamando a atenção do leitor para esta linguagem e para os conceiros que a estruturam no procedimento elocutório de Vitorino Nemésio em 1928. Já por essa altura Vitorino Nemésio pensava segundo as categorias que nós, eu e os homens das Semanas de Estudo e dos Cursos de Cristandade nos Açores, na década de 1960, julgámos ter consciencializado e teorizado os problemas conjunturais do Arquipélago dos Açores. Vitorino Nemésio tem a plena consciência da distância histórica e da divergência categorial que o separa, em mais de um século, de Antero de Quental. Na verdade, no arranjo final do que fica dito, Nemésio não deixa de pôr entre parênteses, a quem esteja em condições de entender, que Antero de Quental, saído dos Açores na adolescência, só “por excepção voltou à sua terra natal.” E acrescenta compreensivamente: “Nem a universalidade do seu espírito se compadecia com este apego à terra que o destino reserva às almas terrenas. Foi, pois, em certa medida um desenraizado.” E, todavia, não obstante este alheamento curricular, Vitorino Nemésio reconhece que

rara será a obra de português que mais do que a de Antero, traga no seio a marca da sua origem provincial. Embora inutilmente lhe procuremos cor, forma, externidade, que revelem o pequeno mundo açoriano com o seu físico e os seus hábitos, a verdade é que toda a poesia anteriana está impregnada de açorianismo. Descontadas as argalhas de uma vida que se circunscreve a nove ilhas, nove minúsculos e pouco seguros apoios da frágil planta humana, a alma do ilhéu exprime-se pelo mar. O mar é não só o seu conduto terreal como o seu conduto anímico. As ilhas são o efêmero e o contingente! Um mar que, nas suas vagas revôltas, é como o espírito humano, em dúvida e torvelinho, mas que acaba por ser espírito na folha serena e luminosa, apenas encrespada pela aragem das ideias, que, para as necessidades de Antero foram a grande questão. (*Sob os Signos* 100)

A *exemplaridade* nemesiana desenvolve-se também, a estes níveis da tonalidade ambiental e da dialéctica ideológica da história, mas não fixa neles as fronteiras dos seus domínios de enunciação. Estende-se a outros mais superficiais e, ao mesmo tempo, mais humanamente incarnados e, até por isso, dialeticamente superior.

A parte mais volumosa da obra de Nemésio,—a narrativa, a poética, a crónica—tematiza os Açores ou utiliza, em linguagem, os materiais humanos da origem e das vivências açorianas do autor. E fá-lo com a já apontada intenção discursiva da armação do seu próprio universo de sentido, ou seja,

da inteligibilidade da sua mundividência. Através da obra de Nemésio, os Açores não participam somente de forma indirecta, mediante a participação pessoal do autor, na história europeia, como lhes aconteceu com Antero; senão que aquela mesma obra lhes dá uma projecção europeia e mundial: os *universaliza*. Universalização esta conseguida não através da *abstracção*, mas sim pela força da plenitude da encarnação dos valores humanos universais, elaborada pela configuração discursiva da arte e do pensamento na obra de Nemésio, como antes já referi. O que pode ser esclarecido por duas fórmulas felizes.

Uma de Machado Pires que dá relevo à projecção universalizante, como potencialização do humano, a partir da narrativa: “Diríamos mesmo que a principal característica da insularidade em Nemésio é a profunda humanidade das personagens que criou e a autenticidade do mundo que representou: quanto mais regional mais universal” (490).

A outra é de Martins Garcia que sublinha o adensamento interiorizante dos valores universais do discurso poético:

Há, na poesia nemesiana, globalmente considerada, os dois filões já referidos—a experiência poética da tradição popular e a experiência poética pessoal, culta. Mas o ensino complicado é que esses dois grandes filões se cruzaram e interpenetraram com rara fecundidade. Dentro da Europa, a Ilha. Dentro do metafísico, a memória e o onírico, plasmados em mar e lume (principalmente). Dentro do popular, a reflexão erudita, quase sempre expressa em termos de aparente simplicidade. Dentro do açoriano, um universo... (190)

3. Existencialidade Hermenêutica

A exemplaridade, porém, da obra de Nemésio origina-se e configura-se a um outro nível mais profundo. Em termos de opção pessoal, de projecto de vida e de decisão existencial, Vitorino Nemésio *foi escritor*. Não, apenas no sentido vulgarizado de realização profissional: *realizou-se como escritor*, como se pode também dizer que se realizou como *professor universitário*, mas num outro sentido mais radical. Para Vitorino Nemésio, a decisão de ser escritor consistiu em construir a sua personalidade através da realização da obra escrita. Alude a ela quando no texto *Evocação*, com que introduz os poemas *Expresso Bruges-Coimbra*, publicados na revista *Panorama*, se refere ao problema do “homem situado na linguagem, sua essência, e não exterior a ela ou utente dela.”⁷ Mas expressa-se no poema epitáfio—“Requiescat,” que antes citei.

Fórmula comparável à de Fernando Pessoa—*a minha pátria é a língua portuguesa*; mais radical, porém, na vinculação da tessitura existencial da personalidade humana do escritor à própria linguagem que ele tece na sua obra. É uma decisão comum aos grandes escritores e outros lhe deram também formulação explícita, como observou Onésimo T. Almeida, com a sua notável erudição e perspicácia.⁸

Todavia, há algo, que penso ser singular e só próprio de Vitorino Nemésio, no cumprimento de tal decisão. É que aquele fazer-se da personalidade através da linguagem ora é tematizado, sobretudo na poesia e na crítica, ora está presente como noeticidade aperceptiva e dialecticamente condutora dos outros discursos.

Não conheço nenhum outro escritor português em cuja obra esta noeticidade auto-constitutiva esteja tão programaticamente consciencializada. E é nele que detecto aquele nível não só de sintonia, mas ainda de crítica e diferenciadora assumpção, com a obra filosófica de Heidegger. É a fonte originária e a face mais original da exemplaridade nemesiana, a qual pode ser denominada por *existencialidade hermenêutica*. Ela está presente na poesia, já na *Voyelle promise*. A tematização programática inaugura-se com o *Eu, Comovido a Oeste*:

Eu me construo e ergo, peça a peça,
De saudade, vagar e reflexão.
Com quase quarenta anos, mal começa,
Ovo de tanta coisa, o coração. (13)

A saudade é o veículo da memória que traz das origens da pessoa com a ternura do que se deu à sua feitura e o sofrimento de só ficar na lembrança e ceder a vez ao que lhe sucede naquela ternura do auto-fazimento. O tempo é este durar do crescimento da pessoa que se fecunda e amadurece no vagar e na reflexão. Aos quarenta anos, como em ovo cheio, no coração lateja ao calor estimulante da conjuntura, a potencialidade existencial de tanta coisa a ser e a fazer.

No célebre e tão comentado texto *Poesia e Metafísica*, que prefaciou o tomo 1º do “Círculo de Poesia” em que a Livraria Morais Editora reuniu a poesia nemesiana de 1935 a 1940, Nemésio dá a seguinte interpretação ao pequeno grande livro de poemas *Eu, Comovido a Oeste*:

... desenha o que se possa chamar o meu pensamento poético, com os temas coerentes e reiterados da busca do sentido da existência pela representação do passado: o mundo da infância no microcosmo da Ilha; o isolamento no seio de uma comunidade patriarcal; a revelação de Deus e do próximo na vizinhança e na família, do destino no amor e na promessa da morte. (*Críticas* 27)

A simplicidade coloquial desta revelação dos elementos, que compõe a armação poética de um dos livros nemesianos mais pletóricos da hermenêutica existencial, sugeriu-me o expediente adequado para tornar claro o processo de elaboração poética, designada por *existencialidade hermenêutica*. O objectivo é mostrar como é que a intencionalidade discursiva de tal processo imprimiu na obra nemesiana a *funcionalidade de exemplo*, apto a induzir no leitor o entendimento conjuntural de si mesmo e da sua comunidade.

Tomemos como ponto de partida o poema ADN do *Limite de Idade*:

Afinal sou assim, infeliz e volúvel
 Porque minha alma guarda uma ordem diversa
 De pulsões celulares ao longo do seu eixo
 Decifre-me quem saiba,—que, dispersa,
 Com nome de ADN aqui na cruz a deixo. (*Críticas* 27)

Entre a nova imagética, portadora do cunho científico, o ADN ganhou uma impressiva e angustiante sugestividade na poesia do *Limite da Idade*. O *ácido desoxirribonucleio*, mediante a informação magnética, ao nível da unidade micro-celular é depositário do código genético dos organismos vivos. No homem, como nos outros, aí, nessa unidade micro-biótica, indivisível na sua integridade estrutural, tem a cifra da sua individualidade vivente e do seu ciclo vital, do seu tempo de vida e do seu jeito de viver. A ciência ao revelar esta origem hereditária da configuração individual e do seu destino vital e ao produzir a tecnologia que a altera, abriu duas feridas de angústia no cérebro humano, cada vez mais sábio e mais poderoso, e, nessa mesma medida, cada vez mais inseguro e mais frágil.

Nervo a pavor, fontes renal de rijo,
 Cordos meus olhos, estatura, gesto,
 Quanto me importo, ó Deus, quanto me aflijo,
 Tudo ADN inscreve no meu rosto.

O poeta, supurando, por aquelas feridas, o fel da ironia do seu natural abandono e do terror da loucura do seu poder, chocalha e o juízo do *Clown de Deus* (aproveitando o epíteto com que Eduardo Lourenço apodou o autor do *Limite de Idade*)⁹ e galhofa com a forma helicoidal e a composição molecular das duas cadeias do ADN:

Hoje o homem é o bicho sem sentido,
 A formal secreção da morte,
 A escada da vida a quatro lanços:
 Adenina, Timina
 Quanina, Citorina:
 Se uma falta, lá se vai a base à muda no Imutável:
 O símio toma o assento ao cordo humano,
 O Diabo leva a Deus a palma no fingido,
 O poeta bateu o recorde da mentira
 No laço anacoluto:
 Timina, Adenina,
 Citorina, Quanina
 Quatro mulheres infiéis me deixaram de luto. (*Limite de idade* 26)

Ora a verdade é que o homem quer na sua identificação individual quer na pertença e participação comunitária, não está menos pré-determinado pelos códigos genéticos da *cultura* aqui entendida, no sentido de antropologia cultural, como a dimensão humana contraposta à natureza. Estes ADNs culturais não são menos complexos do que os orgânicos e, para o homem, são tão arquetípicos e arcaicos como eles.

Na autogénese da pessoa humana os ADNs culturais implantam-se nos orgânicos, quase como por enxerto, e crescem a partir deles para a condução do processo genésico global. A cultura transforma-se numa segunda natureza enquanto assume, pela ciência, e domina, pela tecnologia, a primeira.

Os elementos de que se formam os ADNs culturais mediante uma infinita variedade de estruturas e de uma infindável polimerização, é a *linguagem*. A infinitude de formas, que estruturam e modalizam o espírito do homem e a sociedade, são produzidas e transmitidas em linguagem: estruturas vocabulares, estruturas lexicais, estruturas sintácticas, sintagmas verbais, sistemas linguísticos, com os seus subsistemas semióticos e semânticos. As vozes humanas com as miríades de matrizes da cristalização da fala e do seu dizer.

Cada indivíduo, desde o acto da sua geração é sujeito à acção compositiva e codificadora dos ADN culturais plena síntese com os ADN orgânicos. E logo que nasce se intensifica a acção dos culturais e se enceta a decifração primeiro dos orgânicos e, gradativamente, dos culturais: “são os olhos da mãe, é o andar do pai, tem o falar do avô. A identificação da pessoa é o processo de autentificação das heranças.”

Nos ADNs culturais entra um novo elemento, só próprio do homem, uma novidade absoluta que introduz uma variável incontrolável nas decisões: *a liberdade*. A essência desta novidade é constitutiva do núcleo característico e dinamizador da vida humana na especificidade que a distingue de todos os modos de vida que há na terra. Esse núcleo é a *decisão hermenêutica*. Quer dizer a decisão *que se toma com fundamento numa interpretação*.

Nesse acto começa o homem a ter *existência*: a construir a sua vida com a *interpretação e a escola*. Fá-lo-á até morrer usando ou recusando as possibilidades que lhe oferecem ou lhe impõem o meio familiar, a vizinhança, a igreja, a escola, e os outros círculos sociais cada vez mais amplos, a região, a nação, o estado, os países românicos, a Europa, o Mundo.

De todos esses meios ele já recebia antes de nascer e continuará a receber influxos de codificação comportamental de que nem sempre se aperceberá, nem sempre poderá corrigir ou anular. Mas por seu lado, na medida da sua interpretação e da sua escolha, o indivíduo age sobre os vários meios da sua condição existencial, e poderá estender a eficácia da sua acção até à maior amplitude: a todo o mundo.

O mesmo acontece com os vários círculos comunitários. Todos eles recebem dos mais amplos os códigos e todos eles contra-actua, cooperando com maior ou menor co-responsabilidade na construção de uma história comum.

A característica mais fundamental e mais distintiva da obra de Vitorino Nemésio está em que a sua linguagem é um discurso hermenêutico que *tenta expectativamente* a decifração dos vectores de auto-identificação exaradas no seu código genético-existencial, considerado em toda a amplitude da proveniência dos seus componentes e da sua pertença e participação comunitária.

Com fina penetração anotou Rosa Goulart que não é apenas um “processo de auto-revelação e autognose”; mas com isso e para além, o discurso poético nemesiano questiona-se a si próprio com a intenção heurística de tapar ou ver de si brotar aquela voz inconfundível que verifica a pessoalidade originária e, precisamente, porque o fez e enquanto o faz, alcança a pureza do poético. O

verbo que o disser abrir-se-á na vocalidade do verbo primordial (Goulart 559).

A obra de Nemésio é a realização deste percurso hermenêutico, memorativo, verificante e realizador do seu auto-fazimento em todos os meios em que desde a infância a sua existência decorreu. Mas em todos estes estádios da sua obra literária regressa, levado pela circularidade hermenêutica do seu discurso, às origens arquetípicas da sua família e da sua ilha.

4. Exemplaridade conjuntural

Através da sua obra foi assim configurando espelhos a vários níveis de perspectiva que solicitam ao leitor a reflexão auto-perceptiva de si mesmo, situado aos níveis correspondentes da sua própria existencialidade. Nesse reflexo especular, um açoriano será tocado pela tensão de sugestividade auto-perceptiva da circunstancialidade insular, das vicissitudes existenciais, da sua condição de português, da intimidade religiosa, etc.

Vejamos como ele próprio exemplifica esta exemplaridade.

Na programática conferência *O Açoriano e os Açores* menciona, comprazivelmente, a opinião de um dos membros do júri do Prémio Montaigne, atribuído a Vitorino Nemésio em 1974, relativa à interpretação de um romance que suponho seria *A Varanda de Pilatos*, publicado em 1926, dois anos antes da conferência:

Um ilustre hispanista, o Prof. Marcel Bataillon, lendo um romance de acção açoriana pareceu-lhe que os Açores constituíam uma espécie de Portugal porque receberam dele a forma e o pensamento quando Portugal na verdade era uma força em marcha. Do séc. XVI para cá, é do nateiro insular que têm partido em contribuições de algum preço, quer em metal sonante a título industrial, predial e suntuário, quer em carne e osso, acção e pensamento. (Goulart 137)

Desde 1928 até 1978, Portugal passou por muitas vicissitudes históricas. O seu território ficou reduzido ao Continente e às Ilhas do périplo existencial do autor de *Mau Tempo no Canal*. Os sistemas político e económico sofreram sísmicas convulsões.

Vitorino Nemésio elaborou a sua obra como um espelho em que os Açores e Portugal inteiro se podem rever, reconhecer, avaliar e descobrir os vectores do seu próprio histórico fazer-se.

É uma urgência histórica, para o Portugal de hoje, ser visto e ser pensado à luz dos parâmetros civilizacionais da mundividência da obra de Nemésio.

Nenhum outro escritor português alcançou o nível de vigência de historicidade conjuntural que hoje os estudos nemesianos, assinados pelos maiores nomes da hermenêutica literária em Portugal, vêm testificando. Já haviam dado idêntico testemunho, no âmbito internacional europeu, os nomes célebres que lhe atribuíram em 1974 o *Prémio Montaigne*.

A perfeição literária, a amplitude histórica, a profundidade filosófica, a dimensão teológica, a perspectiva antropológica e a imensa riqueza humana, exigem a ordenação sistemática e o desenvolvimento metodológico que só nas universidades encontram os meios aptos e as condições favoráveis à realização do estudo que se impõe para a fruição oportuna nemesiana.

Aliás, os melhores estudos sobre a obra de Vitorino Nemésio vêm sendo feitos em universidades portuguesas e em algumas estrangeiras. E entre todas elas cabe a primazia à Universidade dos Açores. E por esta primazia presto homenagem sincera de muita admiração e apreço ao seu segundo Reitor, o Senhor Prof. Doutor Machado Pires, ele próprio discípulo dilecto de Vitorino Nemésio e um dos mais eruditos conhecedores da obra do seu mestre, bem como um dos fundadores e Presidente do SIEN (Seminário Internacional de Estudos Nemesianos).

Notas

¹ Xº Aniversário da morte de Vitorino Nemésio—conferência proferida no Salão Nobre da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo.

² “(Harvard)” é o que está no texto.

³ *Aeneada* X: 808.

⁴ José Martins Garcia, *Vitorino Nemésio—à luz do Verbo* (Lisboa: Vega) 126.

⁵ Vol. V (Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928).

⁶ *Ibidem*, nota (1).

⁷ *Panorama* 16/IV (1966). Transcrito em *Críticas sobre Vitorino Nemésio* (Lisboa: Bertrand, 1974) 62.

⁸ “Nemésio, o humanista—ponte entre as “duas culturas”: uma revisitação de Era do Átomo, Crise do Homem,” *Actas do Colóquio Internacional: Ponta Delgada, 18-21 de Fevereiro de 1998* (Lisboa-Ponta Delgada: Edições Cosmos, Seminário Internacional de Estudos Nemesianos, 1998) 539.

⁹ Eduardo Lourenço, “Nemésio Clown de Deus,” *Colóquio/Letras* 48 (1979). Transcrito em M. Gouveia, *Vitorino Nemésio, estudos e antologia*. Ed. Cit: 501-507.

Obras Citadas

- Almeida, Onésimo T. “Nemésio, o humanista–ponte entre as ‘duas culturas’: uma revisitação de *Era do Átomo, Crise do Homem*.” *Vitorino Nemésio: Vinte Anos Depois*. Lisboa-Ponta Delgada: Edições Cosmos, Seminário Internacional de Estudos Nemesianos, 1998. 535-41.
- “Crítica.” Ed. Delfos, 1944. *Críticas sobre Vitorino Nemésio*. Vol. 3. Lisboa: Livraria Bertrand, 1974.
- Críticas sobre Vitorino Nemésio*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1974.
- Garcia, Martins. *Vitorino Nemésio: a obra e o homem*. Lisboa: Arcádia, 1978.
- Goulart, Rosa Maria B. “Vitorino Nemésio: na senda do verbo primordial.” *Arquipélago* 4. Transcrito em M. Gouveia. *Vitorino Nemésio: Estudo em Antologia*. 559.
- Gouveia, Maria Margarida Maia. *Vitorino Nemésio: estudos e antologia*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério de Educação e Cultura, 1986.
- Lourenço, Eduardo. “Nemésio Clown de Deus.” *Colóquio/Letras* 48 (1979). Transcrito em M. Gouveia. *Vitorino Nemésio: estudos e antologia*. 501-507.
- Nemésio, Vitorino. *Eu, Comovido a Oeste, Poemas*. Lisboa: Ed. Revista de Portugal, 1940.
- _____. *Jornal do Observado*. Lisboa: Verbo, 1974.
- _____. *Limite de idade: poemas*. Lisboa: Editorial Estúdios Cor, 1972.
- _____. *Sob os Sínos de Agora*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1977.
- Pires, António M. B. Machado. “Nemésio e os Açores.” *Colóquio/Letras* 48 (1979): 490.
- Simões, João Gaspar. “Mau Tempo no Canal.” *Críticas sobre Vitorino Nemésio*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1974.

José Enes nasceu na Silveira, Pico (1929). É doutorado em Filosofia pela Universidade Gregoriana de Roma, summa cum laude e Medalha de Ouro. Foi Director da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, de Lisboa, e o primeiro Reitor da Universidade dos Açores. Também desempenhou as funções de Vice-Reitor da Universidade Aberta, de Lisboa. Como estudioso, tem-se dedicado aos estudos literários, sobretudo de literatura açoriana. Depois do seu livro *Autonomia da Arte* (1965), as suas publicações têm incidido quase exclusivamente sobre temas filosóficos, numa perspectiva fenomenológica. A sua obra máxima é *À Porta do Ser* (2ª ed. 1990). *Noeticidade e Ontologia* (1999) é a sua colectânea de ensaios mais recente. Também editou um volume de versos da sua autoria, *Água do Céu e do Mar* (1960). José Enes foi o líder das Semanas de Estudos Açorianos, um movimento de conscientização dos anos 60. Email: Jose.Enes@sapo.pt